

O escritor-tradutor literário

Sir Richard Burton e Elizabeth Bishop: Pioneiros na tradução da literatura brasileira em língua inglesa

Eduardo Luis Araújo de Oliveira Batista*
Else R. P. Vieira**

RESUMO:

Este artigo apresenta e analisa as atividades tradutórias de dois importantes disseminadores da literatura brasileira em língua inglesa: o renomado explorador inglês Sir Richard Francis Burton (1821-1890), o primeiro tradutor de obras literárias brasileiras publicadas em língua inglesa, e a poeta norte-americana Elizabeth Bishop (1911-1979). Além de tradutores ambos foram grandes viajantes e autores de importantes relatos de viagem sobre o Brasil, que serão relacionados às suas obras tradutórias e ainda às representações de dois importantes momentos de nossa história literária, o romantismo e o modernismo.

Palavras-chave: Elizabeth Bishop. Literatura de viagem. Sir Richard Francis Burton. Tradução literária.

Introdução

Richard Burton e Elizabeth Bishop constituem importantes marcos na historiografia tradutória brasileira. Burton, o primeiro tradutor a publicar obras brasileiras em língua inglesa, divulgou, no final do século XIX, duas obras dentre a vasta produção literária Romântica de um país recém-independente que buscava afirmar sua identidade cultural e politicamente. Ele traduzira, anteriormente, *Os lusíadas*, alinhando, desta forma, as obras ficcionais de uma nação emergente ao épico e, mais precisamente, à expressão máxima da literatura em língua portuguesa e do nacionalismo lusitano. Quase um século mais tarde, Bishop, considerada pela crítica um expoente da poesia em língua inglesa da geração que se seguiu ao Modernismo, colocou seu nome entre os pioneiros na divulgação da poesia modernista brasileira em língua inglesa a partir da segunda metade do século XX. Ambos foram também viajantes e sua literatura de viagem produzida sobre o Brasil, como veremos, se entrelaça às suas respectivas atividades tradutórias.

O paralelo entre as representações do Brasil por Burton e Bishop, através de suas respectivas literaturas de viagem e traduções da literatura nacional, que constitui o foco deste artigo, evidenciará uma tendência oposta entre os dois viajantes-tradutores. As obras que Burton selecionou para traduzir, relacionadas direta ou indiretamente à figura do indígena brasileiro, como veremos, constroem uma representação exótica da literatura brasileira. Seus relatos de viagem no país, no entanto, revestem-se de caráter pragmático, priorizando a ótica dos interesses capitalistas ingleses no Brasil ao trazer a lume, sobretudo, as potencialidades presentes e futuras do país. Bishop, inversamente a Burton, selecionou, para suas traduções, textos que apresentam um diálogo mais próximo com a literatura (americana e inglesa) que ela considera como expressões da modernidade. Por outro lado, seu olhar pitoresco para o país vai se revelar na sua literatura de viagem, na qual ela procura retratar os aspectos, a seu ver, naturais, primitivos e característicos da cultura brasileira.

O contraponto entre as obras desses destacados agentes culturais evidencia, ademais, como veremos, a mudança não só de interlocutores comerciais e culturais do Brasil, como a perda da preeminência inglesa no século XIX e a ascendência estadunidense a partir do século XX.

Richard Burton tradutor

Conhecido tanto por suas aventuras como explorador na África e no Oriente Médio, como por suas traduções da literatura oriental – entre as quais a mais conhecida é uma das primeiras versões em inglês das *Mil e uma noites* – Burton passou uma breve temporada no Brasil como cônsul britânico no porto de Santos, vivendo em São Paulo com sua esposa, Isabel Burton, entre 1865 e 1869. Durante esse tempo, Burton realizou viagens pelo interior de Minas Gerais, que narrou em seu livro *Explorations of the Highlands of Brazil* (1869), traduziu duas obras literárias brasileiras, *O Uruguai*, poema épico de 1768, de Basílio da Gama, e *Manuel de Moraes, crônica do século XVII*, de J. M. Pereira da Silva (1866), e colaborou com sua esposa na tradução de *Iracema*, de José de Alencar (1865). A tradução de Burton de *O Uruguai* foi publicada somente em 1982 nos EUA pela Universidade da Califórnia. Já as traduções de *Iracema* e *Manuel de Moraes* foram publicadas em um único volume em 1886, na Inglaterra. De acordo com o levantamento realizado por Heloísa Barbosa (1994) sobre as obras brasileiras publicadas em inglês (entre 1500 e 1994), *Iracema* e *Manuel de Moraes* foram as primeiras traduções da literatura brasileira publicadas nessa língua, o que confere um caráter pioneiro ao trabalho de Burton na divulgação da literatura brasileira no exterior, especialmente nos países de língua inglesa.

Apesar da versão em inglês de *Iracema* (*Iracema the Honey-Lips. A Legend of Brazil*) apresentar somente o nome da esposa de Burton como tradutora da obra, alguns estudiosos questionam tal autoria. Um dos argumentos para essa crítica se baseia na incapacidade de Isabel Burton em realizar a tarefa, uma vez que seus conhecimentos da língua portuguesa eram sofríveis, como aponta Frederick C. H. Garcia:

It is a fact that *Honey-lips* was printed with the title page telling us that the translator was Isabel Burton; *Manuel de Moraes* appeared as translated by Isabel and Richard F. Burton. In spite of these indications, there is evidence to justify the idea that in both cases the work had been done by Richard alone. Many of his works were printed when he was not present in London; in these cases Isabel was given the responsibility of making arrangements and following the manuscript through the press; frequently Burton's wife was given the assignment of transcribing her husband's drafts. Quite often she went beyond her assigned duties, listing herself editor, responsibilities that, in matters related to Portuguese, were all above her capabilities (GARCIA, 1975, p. 36).¹

Lady Burton era encarregada de publicar as obras de Burton enquanto este perambulava em suas viagens, e é fato lembrado por todos os seus biógrafos a atitude de Isabel de censurar, editar e mesmo destruir manuscritos de seu marido após sua morte, por considerá-los inadequados ou ofensivos aos bons costumes e aos preceitos católicos que ela professava. Sua atitude possessiva sobre a pessoa de Burton e sobre sua obra fez com que sua biografia, *The life of Captain Sir Richard F. Burton* (1893), fosse desacreditada por seus posteriores biógrafos como fonte de informações sobre o famoso explorador. Outro biógrafo de Burton, Frank McLynn, também questiona a autoria das traduções das obras brasileiras por Isabel:

An invalid when his versions of these two novels appeared, Burton allowed himself to be persuaded into a 'white lie' by his wife Isabel, who fancied herself as a serious literary figure. Accordingly, though Isabel scarcely mastered enough Portuguese to give efficient orders in her own household, Burton allowed his own work to go out under her name. *Iracema* was billed as having been translated by Isabel alone, while in *Manuel de Moraes* she was credited with joint authorship with Richard. This pretension, absurd to anyone who knows the Burtons' life in close-up, was peddled by Wilkins in his hagiographic 'Life' of Isabel, and has been accepted uncritically since, even by serious students (McLYNN, 1991, p. 213).²

Burton, por sua vez, já conhecia a língua portuguesa desde sua temporada em Goa, na Índia, na década de 1840, onde iniciou seus estudos da língua e realizou as primeiras tentativas de traduzir peças de Camões. Segundo o biógrafo Edward Rice, Burton tornou-se um grande interessado na vida do poeta português e começou a traduzir *Os lusíadas* em 1847 (RICE, 2001, p. 285). Sua Camoniana é extensa e inclui a tradução de *Os lusíadas*, publicada em 1880, um livro sobre Camões, intitulado *Camoens: His Life and His Lusiads*, publicado em 1881, e um livro com diversas traduções de poemas de Camões, *Camoens: The Lyrics (Part One). Sonnets, Canzons, Odes and Sextines (Part Two)*, publicado em 1884. A partir dessas evidências, e para os propósitos deste artigo, consideramos, portanto, a tradução de *Iracema* como parte do elenco de obras traduzidas por Burton. Mesmo que Isabel tenha participado de alguma forma na tradução é difícil não supor que Burton tenha se envolvido diretamente na tarefa.

Outro projeto que Burton esteve também diretamente envolvido foi a tradução do livro do alemão Hans Staden, que viveu como prisioneiro dos índios tupinambás por alguns anos no século XVI, relato considerado importante documento etnográfico. Burton indicou a um amigo, Albert Tootal, a tradução do livro, e se encarregou de escrever o prefácio, a introdução, e de preencher o livro com incontáveis notas explicativas, prática comum em seus escritos, elementos que somados dobraram o número de páginas do livro. Analisando o prefácio e todos os demais elementos paratextuais da tradução podemos levantar a hipótese de que Burton tenha incumbido Tootal de realizar a parte que menos lhe interessava na obra, a tradução do corpo do texto (talvez por falta de tempo), em um processo que poderíamos chamar de “terceirização”. Além de recomendar a tradução a Tootal, Burton instruiu de que forma ela deveria ser feita, como podemos ver por suas próprias palavras contidas no prefácio:

Before my transfer from Santos to Damascus (1869), I had strongly recommended a friend, Albert Tootal, to expend the moments which he could spare from more important matters in translating Hans Stade [sic]. He followed my advice, and all those who take an interest in wild tribes, and especially in the Brazilian savages, owe him a debt of gratitude. Also at my suggestion, he preserved the chaste and simple style which best suits the subject; which accords with the character of the unlettered gunner, and which seems to vouch for the truth and the straightforwardness of the traveller (BURTON, 1886, p. ii).³

A ascendência de Burton na tradução fica evidente, por exemplo, em um ato no qual ele toma posse da obra, ao dedicá-la a um amigo, através da inscrição: “To Sir Robert Gerard, Bart., of Garswood, this little book is offered in remembrance of many happy days passed under his hospitable roof, by Richard Francis Burton” (STADEN, 1884).⁴ Em seu prefácio, Burton apresenta um longo relato de cinquenta e três páginas sobre sua viagem entre Bertioga e Ubatuba, cobrindo a área na qual Staden viveu sua aventura como cativo. O texto do prefácio, porém, não apresenta referência direta ao relato de Staden, e poderia ter sido publicado como uma obra independente, como mais um dos relatos de viagem de Burton pelo país. Seguindo-se ao prefácio, Burton apresenta uma Introdução, intitulada “The Indians of Brazil. Notes on the Author-Travellers of the Sixteenth-Century”,⁵ composta de trinta e três páginas. Burton cita também, em seu prefácio, a colaboração de Clements R. Markham, responsável pela bibliografia contida em três páginas seguintes à sua Introdução. A voz do tradutor, Tootal, porém, não aparece em nenhum momento. Todos esses elementos nos levam a incluir a tradução do livro de Hans Staden, se não como uma tradução de Burton (como no caso de *Iracema*), pelo menos como parte de seu projeto de divulgação de livros e informações referentes ao Brasil, nesse caso específico tendo atuado como uma espécie de diretor ou organizador.

Entre os outros projetos de Burton relacionados ao país encontram-se alguns artigos de descrições geográficas publicados em revistas. Entre os textos não publicados, podemos citar o manuscrito com a continuação de seu relato de viagem pelo interior do país, intitulado *The Lowlands of Brazil*. Burton também realizou quatro palestras no Rio de Janeiro, que teve entre seus ouvintes o interessado Imperador D. Pedro II (GARCIA, 1975, p. 36). Enquanto tradutor Burton inaugurou uma importante tendência na história da tradução de obras brasileiras, apontada por Barbosa (1994): a de viajantes que vêm ao Brasil, entram em contato com a literatura brasileira, e decidem traduzir os autores e obras que mais se identificam para divulgá-las aos leitores de seu país natal. Barbosa os chama de “exploradores”, por seus papéis de iniciadores ou pioneiros na divulgação da literatura brasileira em língua inglesa. Indo um pouco mais além, referimo-nos, segundo nossa própria terminologia, a Burton e a outros tradutores como tradutores-viajantes, uma vez que esses agentes culturais conjugam em sua estada pelo Brasil o trabalho de tradutor com o de escritor de relatos de viagens, criando um corpo de textos que projeta uma imagem do Brasil para o exterior, não apenas literária, mas cultural em um sentido mais amplo.

Como podemos ver pelos títulos dos projetos de tradução em que Burton se envolveu, todos apresentam uma imagem exótica do Brasil e de sua literatura, diretamente relacionados à cultura indígena, como notamos nas obras *Iracema*, *O Uruguai* e no relato de Hans Staden. *Manuel de Moraes* é obra um pouco diversa, e relativamente esquecida nos anais literários brasileiros. Tal esquecimento deve-se à pouca qualidade literária presente na obra, o que a excluiu do cânone literário brasileiro, diferentemente das outras duas, que são por demais conhecidas. *O Uruguai* relata a história das missões jesuíticas no sul do Brasil, que criaram extensas comunidades na tentativa de catequizar os indígenas, enquanto *Iracema* apresenta uma história em forma de lenda indígena relatando o encontro do europeu com o índio brasileiro no início da colonização. Ambas as obras tornaram-se canônicas na historiografia literária brasileira no século XIX. Escrita por Pereira da Silva (1817-1898), *Manuel de Moraes*, publicada em 1866, já era desmerecida à época da presença de Burton no Brasil. Segundo José Veríssimo, coube a Pereira da Silva a criação do romance histórico de ficção no Brasil, do qual *Manuel de Moraes* constitui exemplo (VERÍSSIMO, 1915, p. 103). Baseado na vida do jesuíta Manuel de Moraes, que nasceu em São Paulo no século XVI, o romance histórico cria uma ficção a partir de sua biografia elaborando uma narrativa repleta de peripécias, passando por diversos momentos importantes da história colonial brasileira, entre as quais as aventuras dos bandeirantes em busca de índios e ouro pelos sertões do Brasil, as missões jesuíticas de evangelização dos índios fundadas no sul do país, a invasão holandesa e o terror da inquisição, repleta ainda de descrições exóticas dos animais, índios, plantas, cidades e paisagens naturais brasileiras. Apesar da sempre lembrada ausência de qualidade literária, o romance surpreende pelo amplo panorama histórico, o que torna claro o interesse que ele despertou em Burton.

Ao aplicarmos o termo exótico às representações do Brasil produzidas por Burton, referimo-nos ao sentido apresentado por Graham Huggan (2001), segundo o qual

the exotic is not, as is often supposed, an inherent quality to be found ‘in’ certain people, distinctive objects, or specific places; exoticism describes, rather, a particular mode of aesthetic perception – one which renders people objects and places strange even as it domesticates them, and which effectively manufactures otherness even as it claims to surrender to its immanent mystery (HUGGAN, 2001, p. 13).⁶

O apelo ao exotismo dos índios e do pitoresco nacional nas obras selecionadas por Burton na verdade vem de encontro à própria proposta de criação de uma literatura e identidade nacional pelos escritores brasileiros no decorrer do século XIX. Essa tendência pode ter sua origem na visão que os estrangeiros, principalmente os viajantes, apresentaram do país em sua história colonial e que se

cristalizou na obra do importante historiador literário do Brasil, o autor da primeira história literária brasileira, Ferdinand Denis. Segundo nos mostra Maria Helena Rouanet em sua obra *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional* (1991), a história literária de Denis está na base de um processo de estabelecimento de um cânone literário brasileiro através do século XIX que se baseou na representação do indígena e de aspectos naturais do país como critério de originalidade literária e identidade nacional. Essa tendência foi adotada pelos escritores românticos brasileiros, e a seleção das obras traduzidas por Burton vai de encontro a essa perspectiva. A utilização do exotismo como elemento definidor de originalidade literária, portanto, apresenta-se como um motivo que determina as trocas culturais entre a jovem nação e seus modelos europeus: ele aparece primeiramente como objeto descritivo dos europeus sobre um povo e uma região, é incorporado por esse próprio povo como elemento de caracterização nacional, e é reconhecido e legitimado pelo elemento europeu através de sua aceitação e absorção (neste caso através da seleção de obras a serem traduzidas e publicadas). A mão dupla é inerente à constituição do exotismo literário, como nos aponta ainda Huggan:

The exoticist production of otherness is dialectical and contingent; at various times and in different places, it may serve conflicting ideological interests, providing the rationale for projects of rapprochement and reconciliation, but legitimizing just as easily the need for plunder and violent conquest. Exoticism, in this context, might be described as a kind of semiotic circuit that oscillates between the opposite poles of strangeness and familiarity. Within this circuit, the strange and the familiar, as well as the relation between them, may be receded to serve different, even contradictory, political needs and ends (HUGGAN, 2001, p. 13).⁷

A literatura brasileira evidencia a ambiguidade com que o exotismo reveste uma literatura nacional. Essa proposta afirma o nacional e abre espaço para seu reconhecimento e legitimidade no sistema literário internacional (o que pode ser comprovado na medida em que são exatamente as obras produzidas dentro desse caráter exótico as primeiras a serem escolhidas para tradução em uma língua de prestígio como a inglesa). Por outro lado, ele restringe sua esfera de influência a um nicho determinado pela visão estrangeira do país. Ou seja, ele responde muito mais a critérios exteriores do que a uma dinâmica interna do sistema literário que representa. É, porém, apenas se sujeitando a esse processo de exotização que as literaturas ditas pós-coloniais tornam-se disponíveis para o consumo pelo leitor metropolitano.

A narrativa do romance *Manuel de Moraes* reflete esse gosto de Burton ao selecionar obras que possam representar para o público inglês a especificidade e o exotismo da cultura brasileira. Essa representação, diretamente comprometida com a imagem exótica proposta pelo estrangeiro e incorporada pela intelectualidade nacional em formação, determinaria o fluxo cultural periferia-centro. Ela explica, ademais, a ausência do cânone tradutório por um longo período de um autor tão reconhecido no Brasil, como Machado de Assis, que foge a essa classificação e que, portanto, só seria traduzido em inglês em 1952 (GARCIA, 1975, p. 55).

A emergência de traduções da literatura brasileira em língua inglesa no final do século XIX, após praticamente quatro séculos de desinteresse, ainda que em reduzido número, sinaliza os interesses comerciais estabelecidos entre a Inglaterra e o Brasil que atingiram seu apogeu nesse momento. Como nos aponta Leslie Bethell (2003),

Britain was the principal source of capital and direct investment in Brazil [...] For Brazil the 'long' 19th century was *o século inglês*. As early as the 1820's there were sizeable British communities in Rio de Janeiro and the other major coastal towns of Brazil. At the head of these communities were Britain's diplomats and

the representatives – some transient, some becoming permanent residents – of more than a hundred London and Liverpool merchant houses. [...] The close relationship between Britain and Brazil from 1808 to the First World War, which was to some extent maintained during the interwar years, produced a large number of books by British residents in Brazil and British visitors to Brazil (BETHELL, 2003, p. 33).⁸

A presença dos britânicos no país, se não gerou um grande número de traduções, acabou concentrando-se mais na produção de relatos de viagem e de histórias do Brasil, o que demonstra como os interesses comerciais sobrepujavam os culturais, assim como aponta para o fato de que as traduções obedeceram antes a esforços pessoais dos tradutores envolvidos do que a algum interesse institucional ou programático com relação ao Brasil pelos britânicos. Essa ausência de um interesse dos britânicos pela literatura brasileira traduzida é reconhecida pelo próprio Burton e sua esposa, que encontraram dificuldade em publicar suas traduções, como Isabel declara em sua biografia de Burton, “I found no market for the Brazilian translations though I published two of them” (BURTON, 1896, p. 455),⁹ cuja ausência de mercado para as traduções teria sido o motivo da publicação da tradução do *Uruguay* somente em 1982.

Outro fator que aponta para essa conclusão é o fato de que a próxima tradução em língua inglesa da literatura brasileira, só seria publicada em 1920, trinta anos depois da tradução de *Inocência*, a terceira obra brasileira publicada em tradução após as duas realizadas por Burton (e que apareceu na Inglaterra em 1889). Nas duas décadas seguintes, entre 1920 e 1939, apenas sete traduções foram publicadas em língua inglesa, nenhuma delas, porém, na Inglaterra (cinco nos EUA, e duas no Brasil). Esses dados sinalizam o estreitamento de relações entre o Brasil e os EUA, que iria substituir a Inglaterra como principal parceiro comercial, conduzindo também a um crescente intercâmbio cultural e tradutório entre os dois países. Já na década de 1940, foi publicado quase o dobro de traduções em língua inglesa (doze), num crescendo que só iria se confirmar nas décadas seguintes.

Elizabeth Bishop tradutora

Em 1951 chega ao Brasil a também tradutora-viajante Elizabeth Bishop, poeta estadunidense cujas viagens não oferecem o caráter exploratório de Richard Burton. Suas viagens, no entanto, foram importantes para o desenvolvimento de sua obra, além de terem-na levado a traduzir obras dos países que visitou. Bishop permaneceu no Brasil por um período consideravelmente maior que Burton, entre 1951 e 1971, durante o qual se dedicou a traduzir vários de nossos poetas, e algumas obras em prosa. Assim como Burton, Bishop também produziu um livro de viagem sobre o Brasil, publicado em 1962 pela *Time-Life*, além de artigos sobre o país. Também realizou algumas palestras no Rio de Janeiro, cidade em que viveu boa parte de sua estada no país, dividida ainda entre Petrópolis e Ouro Preto. Suas traduções de poemas brasileiros foram publicadas em revistas literárias americanas e em uma antologia de poesia brasileira do século XX por ela editada, na qual reúne suas traduções às de outros tradutores estadunidenses, oferecendo um breve panorama da literatura brasileira modernista em língua inglesa. Através desse trabalho, Bishop tornou-se uma importante mediadora cultural entre o Brasil e os EUA, sendo reconhecida como uma das introdutoras do Modernismo brasileiro em língua inglesa, assim como Burton foi o introdutor do Romantismo brasileiro.

Entre as traduções de Bishop encontramos poemas de Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade, Vinícius de Moraes, João Cabral de Melo Neto e Joaquim Cardozo, reunidos em *An Anthology of Twentieth Century Brazilian Poetry* (1972), co-editada por Bishop e Emanuel Brasil; três

contos de Clarice Lispector, publicados na *Kenyon Review* em 1964; letras de sambas, publicadas na revista *Ploughshares*, em 1975; e um livro em prosa, *O diário de Helena Morley*, cuja tradução foi publicada em 1957. Com exceção d' *O diário de Helena Morley* e dos sambas, suas traduções e a edição da antologia concentram-se em autores de todas as três fases do Modernismo brasileiro.

Diferentemente de Burton, Bishop não escolheu os textos a traduzir por considerá-los peças exóticas ou representativas da cultura brasileira. Seu gosto pessoal foi o fator determinante na escolha das obras a traduzir, e aponta para outra tendência de tradutores da literatura brasileira também levantada por Barbosa. Por outro lado, Bishop repete o percurso dos “exploradores”, ou seja, viajantes que por motivos pessoais acabam vindo ao Brasil, e que ao entrar em contato com a literatura brasileira decidem realizar, também por motivos pessoais, traduções de suas obras. Se Burton se dedicou em realizar “ambassadorial translations”, as traduções de Bishop poderiam ser qualificadas segundo o termo também cunhado por Barbosa de “authorial translations”, ou, segundo suas próprias palavras: “such works that have been produced by any writer who is considered a canonized author in the source system, as well as the works of authors that have been accepted into the canon from the point of view of the target system” (BARBOSA, 1994, p.92).¹⁰ Os autores modernistas traduzidos por Bishop são todos canônicos na literatura brasileira já à época em que a poeta entrou em contato com eles, e inclusive já haviam sido traduzidos em língua inglesa. Apesar de ser ainda hoje apontada como pioneira, antes de Bishop o acadêmico John Nist já havia traduzido Bandeira e Drummond. Seus artigos e traduções garantiram aos dois poetas um lugar de destaque na visão dos americanos da literatura brasileira e do seu Modernismo, o que só iria se confirmar com o tempo. De certa forma as traduções de Bishop e suas opiniões sobre os dois autores apenas vieram a reforçar a imagem que Nist anteriormente havia estabelecido.

Assim como a atuação de Burton reflete os interesses econômicos da Inglaterra sobre o Brasil no final do século XIX, também a atuação de Bishop se insere no panorama das relações político-comerciais entre Brasil e EUA, que se estreitam com o advento da II Guerra Mundial e se desenvolvem nas décadas seguintes dentro da política da boa-vizinhança. Diferentemente das relações culturais entre Brasil e Inglaterra, que se desenvolveram de forma aleatória, pelo menos no que se refere às traduções, as relações entre Brasil e EUA se desenvolveram dentro de uma série de programas institucionais do Departamento de Estado dos EUA, desenvolvidos a partir da década de 1940, que se refletiram diretamente no intercâmbio tradutório. A atuação de Bishop como tradutora, como afirmamos anteriormente, deveu-se principalmente a seu interesse pessoal e à eventualidade de sua presença no país, mas, por outro lado, a poeta não deixou de se aproveitar das oportunidades que o Departamento de Estado dos EUA ofereceu, como as bolsas e financiamentos para traduções e publicações referentes ao país.

Os anos em que Bishop passou no Brasil, entre as décadas de 1950-70, foram dos mais produtivos na tradução de obras brasileiras para a língua inglesa. Nas décadas de 1920 e 1930, como notamos anteriormente, apenas sete traduções foram publicadas, nenhuma delas na Inglaterra. Na década de 1940 foram editadas doze traduções, quase o dobro das duas décadas anteriores juntas. Na década de 1950 há um pequeno recuo, atingindo a cifra de apenas nove traduções. Já na década de 1960 o número salta para vinte e seis traduções, quase três vezes o número da década anterior. Na década de 1970 atinge a cifra de trinta e nove traduções, e chega a cinquenta e nove traduções na década de 1980. Até onde vai o levantamento de Barbosa, no ano de 1994, a década de 1990 apresenta apenas dezessete traduções, o que sugere um certo arrefecimento no intercâmbio tradutório, provavelmente em decorrência do fim da Guerra Fria e da disputa de interesses que levava os EUA a estreitarem seus laços culturais com as nações latino-americanas, as quais desejavam resguardar sob sua influência.

Apesar de Elizabeth Bishop não ter seguido o mesmo padrão de Burton na escolha das obras a traduzir, se atendo aos “authorial works” de que fala Barbosa, não podemos deixar de notar que a tendência de tradução de “ambassadorial works”, ou obras representativas – do ponto de vista do leitor

estrangeiro, obviamente, o que significa obras que apresentem um tom marcadamente brasileiro, ou exótico – permaneceu como a principal corrente durante todo o século XX. Bishop, porém, seguiu na contramão da tendência de Burton e da maioria dos tradutores: enquanto estes buscaram em suas traduções o diferente e singular, aquilo que se diferenciava da literatura produzida em língua inglesa, Bishop buscou obras que considerava de apelo universal, ou, em outras palavras, que encontrassem ressonância nos leitores de poesia em língua inglesa.

Seguindo a tendência oposta, Bishop considerava as obras demasiadamente marcadas pelo exotismo brasileiro como curiosidades, sem valor literário que merecesse uma tradução. Suas escolhas recaem sobre as obras que, segundo ela mesma afirma, em carta escrita em 1961 a Carlos Drummond sobre uma tradução que havia realizado, apresentassem semelhança com a produzida em língua inglesa:

Comecei com este [“Viagem na família”] porque a meu ver ele é relativamente fácil de traduzir para o inglês – espero que o senhor confie em mim quando lhe digo que em inglês o poema é muito comovente, tanto quanto em português. A tradução está bem literal – fora umas liberdades mínimas referentes à pontuação, etc, para conservar a métrica (BISHOP, 1995, p. 733).

Ao buscar traduzir poemas que pudessem ser “facilmente” traduzidos, de forma quase literal, Bishop de certa forma seleciona as obras que apresentem semelhança com a literatura produzida em língua inglesa, apagando qualquer sinal de exotismo ou diferença cultural demasiadamente marcado. O mesmo critério seria responsável por sua crítica desfavorável à primeira fase do Modernismo brasileiro, cujas obras considera datadas e sem apelo estético, apenas uma curiosidade histórica que pouco teria a oferecer ao leitor em língua inglesa. O nacionalismo, demasiadamente presente nessa fase do Modernismo brasileiro, cujos poemas são repletos de palmeiras, índios e cultura popular — como nos movimentos Pau-Brasil, Antropófago e Verde-Amarelo — provavelmente atrairia o olhar de Burton por suas referências históricas e culturais à realidade nacional. Mas, para Bishop, esse segmento do Modernismo não passava de um atraso literário. Em uma entrevista concedida a Ashley Brown quando ainda morava em Petrópolis, e publicada em 1966, nos EUA, Bishop comenta sobre o Modernismo. Indagada por Brown sobre o que ela quis dizer ao afirmar que a poesia em língua inglesa havia caminhado por uma direção diferente da poesia brasileira, Bishop responde:

O que aconteceu com Eliot e Pound logo em 1910 – o modernismo. A poesia brasileira é muito mais formal que a nossa – ela é mais distante do popular. É verdade que eles tiveram um movimento modernista em 1922, liderado por Mário de Andrade e outros. Mas eles ainda não escrevem do modo que falam. E eu suponho que eles nunca escaparam do romantismo (BISHOP, 1996, p. 19).

Bishop percorre o caminho inverso ao de Burton em seu livro de viagem sobre o país. Por um lado busca traduzir obras que, segundo seu ponto de vista, pairam acima do pitoresco e do nacional, e refletem ideais mais universais, ou pelo menos mais facilmente palatáveis ao gosto do leitor em língua inglesa. Porém, em suas descrições do Brasil, apela para o pitoresco e o local. Em seu livro *Brazil*, publicado pela *Time-Life* em 1962, Bishop entrou em desacordo com a editora exatamente pela edição que fizeram em seus escritos, descaracterizando o apelo exótico e pitoresco que sua visão representava, em troca de uma imagem mais contemporânea do país. Como ela mesma comenta em uma de suas cartas:

As fotos são mesmo o mais imperdoável de tudo – o que não falta é material, tem coisas maravilhosas [...]. Eles receberam minhas idéias com entusiasmo,

só que não tomaram nenhuma iniciativa. [...] Imagine um Rio de Janeiro sem nenhum pássaro, nenhum bicho, nenhuma flor. E existem fotos maravilhosas de índios, suas casas, seus adereços, suas danças, etc. – não saiu nada (BISHOP, 1995, p. 714-15).

Aparentemente a imagem do Brasil de Bishop não entrou em acordo com a imagem pretendida pela *Time-Life*. Bishop tentou projetar no livro uma imagem que se concentrava naqueles aspectos que considerava naturais e originais, e que entravam em concordância com sua imagem do país formada pelo dualismo “natureza exuberante” e “sociedade primitiva e autêntica”. Como declara na mesma carta de 1962 – “eu insisti que devia haver pelo menos uma página de fotos de animais [...] – escrevi duas ou três páginas boas sobre a natureza – o efeito dela sobre a linguagem – bichos de estimação – pássaros de gaiola, etc. – cortaram tudo” (BISHOP, 1996, p. 716). Os editores, ao contrário, pretendiam divulgar uma imagem do Brasil desenvolvimentista, que havia definitivamente entrado na sua etapa industrial com o governo de Juscelino Kubitschek, no final da década de 1950. Bishop critica a tendenciosidade dos editores que, segundo ela, estavam mais interessados em apregoar as benesses da industrialização, criando uma imagem do país onde “dão a entender que a solução de todos os problemas da vida é a ‘industrialização’” (BISHOP, 1996, p. 715). É nesse sentido que os títulos “sugestivos” de Bishop para os capítulos do livro, como, “Cap. 2 A terra do pau-brasil, Cap. 5 Animal, vegetal, mineral, Cap. 6 As artes espontâneas”, são substituídos por títulos como “Esplendores modernistas de uma capital na fronteira”.

Comparando Bishop e Burton

Em seus livros de viagem, Bishop e Burton invertem suas posições. Se nas traduções Burton busca o exótico, em sua narrativa de viagem pelo interior do Brasil, presente em *Explorations of the Highlands of the Brazil* (1869), ele faz o percurso contrário. Apesar do título de seu relato, Burton não explorou território desconhecido no país, mas apenas percorreu as minas de ouro de Minas Gerais, nessa época já sob o domínio dos ingleses, e sua descrição apresenta-se mais como um relatório dos negócios ingleses no Brasil (e das possibilidades de novos negócios). Revelador a esse respeito é o subtítulo do livro, que acrescenta: “with a full account of the gold and diamond mines”.¹¹ Nesse sentido Burton parece estar seguindo a cartilha apresentada pela Royal Geographical Society, a associação que organizava e financiava as explorações dos viajantes britânicos, junto à qual trabalhou em suas explorações pela África e Oriente Médio, que pregava, segundo Dane Kennedy (2005), um olhar científico sobre as regiões visitadas, o que deixava pouca margem para divagações românticas e idealizadoras:

this role was perfectly consistent with its aims as a scientific society, which stressed the tireless collection of data, specimens, and other information concerning the physical environment. [...] The legitimacy of geography as a new scientific discipline hinged on its ability to establish a set of protocols that would standardize its descriptive methods. These protocols were directed towards merchants, missionaries, soldiers and others who contributed to geographical knowledge through reports of unfamiliar territories, but they placed a particular obligation on men like Burton, who took up the pursuit of geographical knowledge as a professional opportunity (KENNEDY, 2005, p. 97).¹²

Mesmo na parte do livro em que relata o percurso mais aventureiro, quando faz uma viagem de barco pelo Rio das Velhas e pelo Rio São Francisco, até desembocar no oceano Atlântico, suas observações parecem se concentrar nas possibilidades de exploração das terras que visita. Como nos

lembra Rice, Burton estava passando por dificuldades financeiras naquele momento, e alimentou a idéia de encontrar alguma possibilidade de fazer dinheiro no Brasil, tendo inclusive especulado com café e algodão, e tentado explorar minas de chumbo e rubis (RICE, 2001, p. 497). O caráter pragmático apresentado em seu relato de viagem, em oposição ao apelo exótico de suas traduções, pode ser entrevisto nas descrições dos rios, em que abandona a visão romântica para se ater às possibilidades de melhoramento da navegação. As rochas perdem seu caráter pitoresco, e o autor especula sobre a possibilidade de sua retirada para a passagem de embarcações. Nos leitos dos rios vislumbra possibilidades de extração de ouro e diamante. Sobre a cidade de Juiz de Fora, após criticar a sujeira e lama das ruas, considera que “seu único mérito é a largura, e quando forem introduzidos os carris urbanos [...] essa boa disposição será reconhecida” (BURTON, 1976, p. 59). Em São João Del Rey, sugere que os altares tivessem sido deixados ao natural, e não pintados de ouro (Idem, p. 123). As obras dos sete passos de Aleijadinho, em Congonhas, são consideradas grotescas e sem valor como obras de arte, mas “aquelas caricaturas de pau servem para manter a devoção” (Idem, p. 154). Seus comentários objetivos não deveriam espantar o leitor brasileiro, uma vez que logo nas primeiras páginas Burton faz seu alerta, ainda que devidamente modulado:

Os brasileiros, que, como a maioria dos povos jovens, têm um voraz e quase feminino apetite por admiração e protestos de estima, acharão a minha narrativa rude e seca [...] os imparciais, contudo, far-me-ão justiça por uma sinceridade que se recusa a lisonjear ou mesmo a exagerar os dotes de uma região que prefiro a todas aonde minhas viagens têm me levado até agora (BURTON, 1976, p. 25).

É devido exatamente a essa estranheza que as obras traduzidas por Burton, repletas de termos indígenas e descrições de animais e plantas exóticas, permitem-no se alongar nas múltiplas notas que ele tanto gostava de produzir em seus livros.

Na verdade, as notas de Burton às suas traduções, e suas introduções explicativas, ao invés de tornarem mais palatáveis as obras aos leitores em língua inglesa, apenas acentuam seu caráter exótico. É o que podemos constatar na longa introdução por ele escrita para a tradução do livro de Staden, cujas trinta e três páginas desfilam uma série de nomenclaturas e teorias sobre a origem dos indígenas do Brasil que mais parecem distanciar do que aproximar a obra do leitor. Mesmo as introduções às traduções de *Iracema* e *Manuel de Moraes*, certamente escritas por sua esposa Isabel Burton, ainda que a própria tradução tenha sua autoria questionada, apresentam o mesmo apelo de distanciamento e exotismo, ao reiterarem as diferenças entre as línguas portuguesa e inglesa, como afirma Isabel no prefácio – “I cannot pretend to do him justice, for our harsh Northern tongue only tells coarsely a tale full of grace and music in the Portuguese language” (BURTON, Isabel, 1886, p.iii),¹³ e vai além, ao incluírem a necessidade de conhecimento da língua indígena para realizar sua tarefa: “and if he permits me to translate all his works [referindo-se a José de Alencar], I hope to do better as I go on, especially if he will again – as he has already done – give me instructions in Tupy, the language of the aborigines” (BURTON, 1886, p.iii).¹⁴

Conclusão

Podemos entrever, a partir dessa discussão, como os dois viajantes-tradutores intercambiaram seus pontos de vista sobre o Brasil e sua cultura nas duas faces de sua obra de representação do Brasil. Burton se apresenta romântico, segundo o critério de idealização exótica incorporada pelos escritores brasileiros, nas suas traduções, obviamente não apenas porque o romantismo era a tendência dominante

em nossa literatura quando entrou em contato com ela, mas por sua seleção de obras ter priorizado aspectos românticos, que ele considerava mais adequados a serem divulgados em seu país natal. Na sua literatura de viagem, ao contrário, apresenta uma imagem pragmática e comprometida com as potencialidades de desenvolvimento econômico e exploração comercial, que entraria mais em acordo com os editores da *Time-Life* com os quais Bishop entrou em atrito. Bishop, percorrendo o caminho inverso, apresenta uma seleção das obras da literatura brasileira mais comprometida com a sua poética contemporânea, obviamente segundo os critérios da literatura em língua inglesa, enquanto em sua literatura de viagem prefere ater-se aos aspectos pitorescos da paisagem e cultura brasileira, revelando uma imagem romântica do país. Em suma, Burton foi romântico na tradução e moderno na literatura de viagem, Bishop foi moderna na tradução e romântica na literatura de viagem.

Sir Richard Burton and Elizabeth Bishop: Pioneers of the translation of Brazilian literature into English

ABSTRACT:

This article surveys the translation work of two distinguished disseminators of Brazilian literature in English: the renowned English explorer Sir Richard Burton (1821-1890) and the American poet Elizabeth Bishop (1911-1979). More than translators, both were active travellers and wrote important travel books on Brazil. Their books are here analyzed in connection with their translations and the representation of two landmark moments of Brazilian literary history: Romanticism and Modernism.

Keywords: Literary translation. Travel literature. Sir Richard Francis Burton. Elizabeth Bishop.

Notas explicativas

* Doutorando em Teoria e História da Literatura pela UNICAMP.

** Professora de Estudos Brasileiros e Estudos Comparados Latino-Americanos e diretora dos Programas de Pós-Graduação em Estudos Hispânicos do Queen Mary University of London.

¹ É fato que a versão de *Iracema* em inglês apresenta na página inicial o nome de Isabel Burton como tradutora da obra; *Manuel de Moraes* indica como tradutores Isabel e Richard Burton. Apesar dessas indicações, há evidências que justificam a hipótese de que em ambos os casos o trabalho tenha sido levado a cabo apenas por Burton. Muitas de suas obras foram publicadas quando ele não estava presente em Londres; nesses casos Isabel recebia a responsabilidade de tomar as providências necessárias para sua publicação; frequentemente a esposa de Burton recebia a incumbência de transcrever os rascunhos de seu marido. Muitas vezes ela ia além de suas obrigações, incluindo-se como editora, responsabilidade que, em assuntos relacionados à língua portuguesa, estava acima de sua capacidade. [Esta e outras notas foram traduzidas do inglês pelo autor deste artigo]

² Um inválido quando suas versões desses dois romances apareceram, Burton permitiu-se ser levado a praticar uma “mentira ingênua” por sua esposa Isabel, que se fantasiava como uma figura literária séria. Dessa forma, apesar de Isabel dificilmente dominar a língua portuguesa o suficiente para dar ordens eficientes em sua própria casa, Burton permitiu que seu próprio trabalho fosse publicado sob o nome dela. *Iracema* recebeu o nome de Isabel como única responsável pela tradução, enquanto em *Manuel de Moraes* ela recebeu os créditos como co-tradutora junto a Richard. Essa pretensão, absurda para qualquer um que conheça a vida de Burton de detalhes, foi encampada por Wilkins em sua biografia de Isabel, e tem sido aceita sem discussão desde então, mesmo por sérios estudiosos.

³ Antes de minha transferência para Damasco (1869) eu havia feito uma forte recomendação a um amigo, Robert Tootal, de dedicar os momentos que ele pudesse dispor na tradução de Hans Staden. Ele seguiu meu conselho, e todos aqueles que possuem algum interesse nas tribos selvagens, especialmente nos índios brasileiros, devem-lhe sua gratidão. Também por minha sugestão, ele preservou o estilo simples e ingênuo que melhor se adapta ao assunto; o que entra em acordo com o caráter do marinheiro iletrado e parece garantir a veracidade e simplicidade do viajante.

⁴ Para Sir Robert Gerard, Bart., of Garswood, este pequeno livro é oferecido em lembrança de muitos dias felizes passados sob sua hospitalidade, por Sir Richard Francis Burton.

⁵ Os índios do Brasil. Notas sobre os autores-viajantes do século dezesseis.

- ⁶ O exótico não é como com frequência se supõe, uma qualidade inerente a ser encontrada em algum povo, objeto distinto, ou lugar específico; exotismo descreve, antes, um modo particular de percepção estética – o qual apresenta povos, objetos e lugares como estranhos ainda que os domestique, e que efetivamente transforma a alteridade mesmo quando proclama se render ao seu imanente mistério.
- ⁷ A produção exotocista do outro é dialética e contingente; em várias épocas e diferentes lugares, ela pode servir a interesses ideológicos conflitantes, proporcionando uma racionalização para projetos de reconciliação e reaproximação, mas legitimando também facilmente a necessidade de conquista violenta. Exotismo, nesse contexto, poderia ser descrito como um tipo de circuito semiótico que oscila entre pólos opostos de estranheza e familiaridade. Dentro desse circuito, o estranho e o familiar, assim como a relação entre eles, podem servir a diferentes, e mesmo contraditórios, fins e necessidades políticas.
- ⁸ A Grã Bretanha era a principal fonte de capital e investimento direto no Brasil. Para o Brasil, o longo século XIX foi o século inglês. Logo em 1820 havia uma razoável comunidade britânica no Rio de Janeiro e nas maiores cidades costeiras do Brasil. Na ponta dessas comunidades estavam os diplomatas britânicos e representantes – alguns em trânsito, outros tornando-se residentes permanentes – de mais de uma centena de casas comerciais sediadas em Londres e Liverpool. [...] A relação próxima entre Grã Bretanha e Brasil de 1808 até a Primeira Guerra Mundial, que em certa medida se manteve no entre-guerra, produziu um grande número de livros pelos residentes e viajantes britânicos no Brasil.
- ⁹ Não encontrei mercado para a publicação das traduções brasileiras, mas ainda assim consegui publicar duas delas.
- ¹⁰ Eu classifico como “obras autorais” as obras que tenham sido produzidas por qualquer escritor que seja considerado canonizado em seu sistema de origem, assim como as obras de autores que tenham sido aceitas no cânone do ponto de vista do sistema alvo.
- ¹¹ Com um relato completo das minas de ouro e diamante.
- ¹² Esse papel era perfeitamente consistente com seus objetivos como uma sociedade científica, a qual reforçava uma esforçada coleção de dados, espécies, e outras informações referentes ao ambiente físico. A legitimidade da geografia como uma nova disciplina científica baseava-se na sua habilidade de estabelecer uma série de protocolos que proporcionassem um padrão para seus métodos descritivos. Esses protocolos eram direcionados aos mercadores, missionários, soldados e outros que contribuíam para o conhecimento geográfico através de relatos de territórios desconhecidos, mas eles ofereciam uma obrigação particular para homens como Burton, que tomavam a tarefa do conhecimento geográfico como uma oportunidade profissional.
- ¹³ Eu não posso pretender fazer-lhe justiça, pois nossa dura língua do norte apenas lembra de modo grosseiro a lenda cheia de graça e música presente na língua portuguesa.
- ¹⁴ Mas eu fiz meu melhor, e se ele me permitir traduzir todas as suas obras eu espero fazer progressos com o tempo, especialmente se ele for novamente – como já fez antes – me dar instruções em Tupi, a língua dos aborígenes.

Referências

ALENCAR, José de. *Iraçéma The honey-lips. A legend of Brazil*. Trad. Isabel Burton. Londres: Bickers & Son, 1886.

BARBOSA, Heloísa Gonçalves. *The Virtual Image: Brazilian Literature in English Translation*. 1994. 500 f. 2 v. Tese (PhD) Centre for British and Comparative Cultural Studies, University of Warwick.

BETHELL, Leslie. *Brazil by British and Irish Authors*. Oxford: University of Oxford Press, 2003.

BISHOP, Elizabeth. *Uma arte*. As cartas de Elizabeth Bishop. Org. Roberto Giroux. Trad. Paulo Henriques Brito. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

_____. *Conversations with Elizabeth Bishop*. Ed. George Monteiro. Jackson: University Press of Mississippi, 1996.

BURTON, Sir Richard F. *Explorations of the Highlands of Brazil; with A Full Account of the Gold and Diamond Mines. Also, Canoeing Down 1500 Miles of the Great River São Francisco, from Sabará to the Sea*. London: Tinsley Brothers, 1869.

_____. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Trad. David Jordan Jr. São Paulo: USP/Itatiaia, 1976.

BURTON, Sir Richard F. Preface in: SILVA, João Manuel Pereira da. *Manuel de Moraes: A Chronicle of the Seventeenth Century*. Trad. Richard Francis and Isabel Burton. London: Bickers & Son, 1886. pp. i-lvii.

_____. Introduction in: SILVA, João Manuel Pereira da. *Manuel de Moraes: A Chronicle of the Seventeenth Century*. Trad. Richard Francis and Isabel Burton. London: Bickers & Son, 1886. pp. lxi-xciv.

BURTON, Lady Isabel. *The Life of Captain Sir Richard F. Burton*. Edited by W. H Wilkins. London: Duckworth & Co, 1896.

GAMA, Basílio da. *O Uruguay. A Historical Romance of South America*. Trad. Richard Burton. Berkeley, California: University of California Press, 1982.

GARCIA, Frederick C. H. Richard Francis Burton and Basílio da Gama: The Translator and the Poet. *Luso-Brazilian Review*, Vol. 12, No. 1, pp. 34-57, Summer, 1975.

GRAHAN, Huggan. *The Postcolonial Exotic: Marketing the Margins*. London: Routledge, 2001.

KENNEDY, Dane. *The Highly Civilized Man*. London: Harvard University Press, 2005.

MCLYNN, Frank. *From the Sierras to the Pampas. Richard Burton's Travels in the Americas, 1860-69*. London: Century, 1991.

RICE, Edward. *Captain Sir Richard Francis Burton. A Biography*. Cambridge: Da Capo Press, 2001.

ROUANET, Maria Helena. *Eternamente em berço esplêndido: a fundação de uma literatura nacional*. São Paulo: Siciliano, 1991.

SILVA, João Manuel Pereira da. *Manuel de Moraes: A Chronicle of the Seventeenth Century*. Trad. Richard Francis and Isabel Burton. London: Bickers & Son, 1886.

STADEN, Hans. *The Captivity of Hans Stade of Hesse, in A.D. 1547-1555, Among the Wild Tribes of Eastern Brazil*. Translated by Albert Tootal, Esq. of Rio de Janeiro, and annotated by Richard F. Burton. London: The Hacluyt Society, 1884.

VERÍSSIMO, José. *História da literatura brasileira*. 1915. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/PesquisaObraForm.do?select_action=&co_autor=72>

